

OS USOS DE JORNAL ELETRÔNICO POR PROFESSORES DA REDE PÚBLICA: QUESTÃO PARA O CURRÍCULO

Alessandra da Costa Barbosa Nunes **Caldas** – UERJ

Rosângela Lannes Couto **Cordeiro** – UERJ

Agência Financiadora: CAPES

O currículo tem que ser entendido como a cultura real que surge de uma série de processos, mais que como um objeto delimitado e estático que se pode planejar e depois implantar; aquilo que é na realidade, a cultura nas salas de aula fica configurado em uma série de processos: as decisões prévias acerca do que se vai fazer no ensino, as tarefas acadêmicas reais que são desenvolvidas, a forma como a vida interna das salas de aula e os conteúdos de ensino se vinculam com o mundo exterior, as relações grupais, o uso e o aproveitamento de materiais, as práticas de avaliação etc. (Sacristán, 1995, p.86-87)

Pesquisar os usos de um jornal eletrônico, feito por professores da rede pública, nos dá a oportunidade de refletir sobre o currículo que tem sido tecido cotidianamente por meio das práticas relatadas pelos docentes que são usuários deste jornal. Esta pesquisa está relacionada aquelas que se desenvolvem nos estudos nos/dos/com os cotidianos, o que nos tem permitido compreender as múltiplas redes de relações e significados que se dão nos múltiplos cotidianos em que vivemos.

O desenvolvimento deste texto se dá devido ao interesse significativo de pesquisar como se dá a relação do uso das imagens e das narrativas dentro deste *espaçotempo*¹ do jornal eletrônico em conexão com os usuários que são desde professores do meio universitário a professores de escolas municipais, bem como leitores interessados na temática educação e imagem.

Analisando os artigos enviados pelos professores ao jornal, observamos que, mesmo seguindo as orientações dos materiais curriculares indicados pelas secretarias, professores e alunos estão em um contexto de experiência curricular cotidiana e os usos que fazem destes materiais de acordo com as suas próprias práticas que vivenciam *dentrofora* das escolas lhes possibilitam que tenham alternativas deste currículo formal, ou seja, dentro destes *espaçostempos* há muitos currículos sendo criados.

No artigo *Imagens e palavras: vamu discuti a relaçaum*, escrito por Simões (2008), um professor de português, para a edição nº2 do jornal, percebemos

¹ No grupo de pesquisa, o uso desses termos, como de outros, nessa escrita aglutinada tem o sentido de mostrar os limites que o modo dicotomizado da ciência moderna coloca às definições desenvolvidas.

constatações, indagações e experimentações. O professor observa que os alunos, por estarem habituados a interagir com a internet, trazem consigo ecos de uma linguagem recebida através do contato que eles têm com a Rede, e que isto reflete na escrita deles que se apresenta *cheia de signos, símbolos, abreviaturas, imagens etc.* (Simões, 2008)

Interessante é o fato de como o professor trata desta questão dizendo que *essa transposição, muitas vezes causa um estranhamento no universo escolar, calcado numa perspectiva de trabalho com a língua a partir da sua normatividade.* O fato de o professor ter colocado em questão o estranhamento que pode haver no universo escolar com essas formas de escrita e que se explica pela existência hegemônica da metáfora da árvore quanto à criação dos conhecimentos nas escolas nos indica que há uma visão crítica da mesma nesse *espaçotempo*.

Ao entrar em contato com as criações dos alunos ele inicia uma série de questionamentos quanto à inserção da imagem nos textos de seus alunos e como isso se reflete em sua escrita. No decorrer do texto o professor explica que trabalhou com os alunos a temática sobre o relacionamento deles com o mundo tecnológico e que, a partir disto, pudessem escrever textos verbais e não-verbais. Assim, dentro da perspectiva quanto ao uso que fazemos dos artefatos tecnológicos, o docente relata o que tem visto e se pergunta:

meus olhos percebem a invasão do cotidiano pela internet com sites, blogs, flogs, orkut e softwares educativos que juntos compõem as novas tecnologias do mundo contemporâneo, obrigando-nos a repensar a relação histórica entre oralidade, textos, escrita e imagem. Na internet, palavras e imagens se revezam na criação de uma nova expressividade – veloz, intensa, dispersa e simultânea. Criar novos signos na linguagem é produzir pensamento na escola? Qual o significado desta nova combinação entre imagens e palavras? Em que medida esta linguagem pode significar fruição e conhecimento? Muito mais do que encapsular respostas, a expectativa é de suscitar questionamentos que nos levem a repensar sobre este fato lingüístico/imagético, contribuindo assim, à reflexão de linguagem no mundo contemporâneo. (Simões, 2008)

Esta fala nos possibilita dizer que o professor, através de sua narrativa, é um *praticante*² que, em suas ações, cria currículo em seu cotidiano. Os questionamentos que faz estão com ele, porque são tecidos em suas ações pedagógicas anteriores nas relações com seus alunos, no dia-a-dia que vivenciam *dentrofora* da escola.

Narrando suas práticas, relata como foi o processo de abertura para o que lhe causara estranhamento. Começou traduzindo o internetês e propôs para que os alunos

² Usamos o termo de Certeau (1994) para aquele que vive as práticas/táticas cotidianas.

lhe apresentassem uma lan house.³ A prática relatada e a interação dele com os alunos e dos alunos com ele possibilitaram uma trama de *ensinoaprendizagemensino*:

tentar traduzir o “internetês” trazido pelos alunos e convidá-los a que me apresentassem uma lan house, foram meus primeiros sinais de abertura ao estranhamento – contando, para isso, com a ajuda de um dicionário e dos próprios alunos. blz. np. Daí nasceu o desejo de conhecer as produções escritas dos alunos na sua vida social, tanto para melhor conhecê-los quanto para poder compreender as transformações da linguagem, vista como produção humana. qd? Já é.

Fui convidado a participar do Orkut de uma turma de alunos. É uma comunidade virtual que preza a amizade, mensagens de bom humor, sugestões de restaurantes e parques, avisos de provas agendadas, comentários do período de greve. (...)

Para se apresentarem em suas páginas, escolhem a sua melhor foto, tirada recentemente e registram nos seus perfis um pouco do que gostariam de falar sobre eles mesmos. Entre fotos e palavras, sua história e seus desejos ganham forma. Uma aluna, por exemplo, escreve que se pudesse prever o futuro, gostaria de saber qual é o destino daqueles que fazem acreditar que são confiáveis, amigos e sinceros, mas acabam decepcionando. Ela gostaria de entender o que está mudando nela e o motivo desta mudança. A aluna registra suas paixões na vida (família, amigos); seu livro preferido (O Código da Vinci), sua melhor música (Strani Amori) e cinema (Um amor para recordar). Muitas vezes é nesse espaço público e virtual que ganham visibilidade questões invisíveis à família e à escola. (Simões, 2008)

No trecho acima, o professor comenta sobre como estes alunos se apresentam em páginas do Orkut, escolhem a melhor foto, entre fotos e palavras falam sobre eles mesmos se sentindo à vontade para falar sobre suas histórias. A partir desta constatação, o professor desafia seus alunos a criarem composições com linguagem Verbal e Não- Verbal e neste processo, se impressiona com a riqueza de textos de seus alunos, pois, verificou que *curiosamente, a riqueza dos textos e o domínio da norma culta eram enfrentados com a mesma propriedade com que faziam charges, colagens, desenhos etc.*

A experiência deste professor nos faz refletir sobre o uso da tecnologia, bem como a nossa interação e criação que fazemos com/e a partir dela. Alves (2006) nos apresenta o termo ‘tecnologia’ como

a maneira de trabalhar com os artefatos culturais nos tantos ‘usos’ que deles fazemos, cotidianamente, para além das ‘indicações pensadas que existem nos

³ É importante dizer que mesmo muitos alunos não possuindo computadores em suas casas, muitos deles tiveram seus primeiros contatos com o mundo virtual nestes espaços chamados de lan houses. Onde se paga um valor por hora para ter acesso à internet de acordo com o tempo de uso.

manuais. Assim, nesse modo de pensar, criamos, de forma permanente, tecnologias no uso de artefatos culturais, velhos ou novos (p.164).

Macedo (2004) em *Criar Currículo no Cotidiano*, afirma que *um saber faz parte de diferentes campos significativos, tanto disciplinares quanto não disciplinares*. Neste sentido, relacionando a experiência relatada pelo professor com a idéia de que o saber se dá também através de um conjunto de redes poderes e fazeres que geralmente são expulsos do ambiente escolar e do currículo formal nos induz a questionar: Seria possível uma alternativa curricular em rede? E nos propomos novamente a concordar e chamar Macedo (2004) quando diz que:

prefiro dizer que currículos em redes já estão em andamento hoje, na medida em que, cotidianamente, estamos ‘mergulhados’ nas nossas inúmeras redes de contato e criação de conhecimentos e que elas continuam existindo em cada um de nós e em nossos alunos e alunas quando entramos nas escolas nas quais trabalhamos e estudamos. São elas que nos fazem escolher este ou aquele conteúdo, esta ou aquela forma de trabalhar a maneira de nos relacionarmos com os colegas e com os alunos, elas dão significado ao que os alunos e alunas conseguem aprender porque fazem algum trançado com suas redes próprias. Desse modo, entendo que o movimento hoje necessário não é fazer uma proposta curricular em rede, mas sim fazer emergir as tantas redes trançadas cotidianamente que estão submersas. (p.56-57)

O relato do professor e o diálogo que fizemos sobre o currículo nos abrem caminhos para pensar em como tem se dado a nossa incorporação com conhecimentos que não provêm apenas dos livros indicados pelos currículos formais. Sendo assim, é de caráter essencial pesquisar como se dá esse intrincado processo de negociação de sentido entre os signos (as produções dos usuários), as realidades de que eles tratam ou que criam e os intérpretes que se interpõem entre tais signos e realidades, ou seja, as tramas sociais que lhes dão sentido.

Referências Bibliográficas

ALVES, Nilda. Escola e cultura contemporânea - novas práticas, novas subjetividades, novos saberes em torno de artefatos culturais. In: SOMMER, Luis Henrique; BUJES, Maria Isabel Edelmeiss (orgs.). *Educação e cultura contemporânea: articulações, provocações e transgressões em novas paisagens*. 1 ed. Canoas: ULBRA, 2006, v. 1, p. 163-175.

_____. Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda (orgs). *Pesquisa no/do cotidiano das escolas – sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p.13 – 38.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano – 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1998.

SACRISTÁN, J. G. Currículo e diversidade cultural. In: SILVA, T. T. e MOREIRA, A. F. (orgs.) *Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais*. Petrópolis: Vozes, 1995.

MACEDO, Elisabeth. Dia 28 de abril, terceira discussão: a hora e a vez dos currículos (e de alguma coisa mais). In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; MANHÃES, Luiz Carlos; ALVES, Nilda (orgs.). *Criar currículo no cotidiano*. 2.ed. SãoPaulo: Cortez: 2004.

SIMÕES, Robson Fonseca. *Imagens e palavras: vamu discuti a relaçaum*. Jornal eletrônico: Educação & Imagem, ano 1 – número 2 – jun-jul/2007 – www.lab-eduimagem.pro.br/jornal